

## ***Biblio3W***

REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA  
Y CIENCIAS SOCIALES

Universidad de Barcelona.  
ISSN: 1138-9796.  
Depósito Legal: B. 21.742-98  
Vol. XX, núm. 1118  
25 de abril de 2015



# **Por uma geografia social do futebol: Lições de Política, Economia, Cidade e Cultura**

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: A conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 256 p.[ISBN: 978-85-7511-320-2]

Leandro Dias de Oliveira  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
leandrodias@ufrj.br

**Palabras clave:** fútbol, Juegos Olímpicos, Brasil

**Key words:** football, Olympic Games, Brazil

"Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola."  
(Nelson Rodrigues)

Junho / Julho de 2014, Copa do Mundo no Brasil<sup>1</sup>. Jogos contendo jogadores galácticos distribuídos pelas doze cidades-sede escolhidas, que capricharam na construção de estádios-arenas de futebol. Arquibancadas lotadas que se diferenciavam das austeras salas de cinema praticamente pela falta [ainda] de climatização artificial. Ruas do entorno dos estádios tomadas por manifestações – a rigor, desde um ano antes!<sup>2</sup> clamando por hospitais, escolas e transportes “padrão-fifa”. A seleção alemã acabou se sagrando campeã, após humilhar o escrete canarinho por inacreditáveis 7 x 1 na semifinal. A crise do futebol brasileiro, ainda visto como mundialmente hegemônico, se revelava: técnicos superdimensionados em sua qualidade intelectual, jogadores arrogantemente transformados em foras-de-série sem sê-lo, comentaristas esportivos míopes em relação à realidade que os cercava e torcedores órfãos do

---

<sup>1</sup> Resenha desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa *O Processo de Reestruturação Territorial-Produtiva no Oeste Metropolitano Fluminense*, com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ, através da modalidade de Auxílio-Instalação concedido ao Prof. Leandro Dias de Oliveira.

<sup>2</sup> Oliveira, 2013

outrora encantador futebol nacional e constrangidos por reconhecerem que a copa era apenas uma típica festa capitalista, onde cada jogo se transformava em showroom de jogadores, camisas, chuteiras e outras mercadorias do universo do futebol.

2014 foi um ano importante para todos aqueles que acompanham apaixonadamente o futebol, mas que se permitem, progressivamente, a questionar a validade de consumi-lo nos moldes atuais. A Copa do Mundo do Brasil mostrou didaticamente aos brasileiros, com grande dose de mal-estar, o quanto o “esporte bretão”, que se consolidou em um século como paixão nacional, se tornou um negócio lucrativo e excludente, transformando o torcedor em consumidor e visando muito mais suas economias do que sua capacidade de tremular bandeiras ou ecoar gritos de incentivo e cânticos de exaltação. A Copa de 2014 foi gestada para ser a celebração do (“neo-”) desenvolvimentismo brasileiro – lembremos, a história se repete como farsa<sup>3</sup> implementado nos governos de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-até o presente momento) nos últimos doze anos. Todavia, ocorreu o inverso: a copa descortinou algumas negociatas obscuras presentes no mundo futebolístico, publicizou a força do empresariamento urbano<sup>4</sup> que reestruturou as cidades-sede (“re-”) fetichizando-as de acordo com os ditames do mercado global, e demonstrou as falácias contidas no “amor” ao esporte, à torcida e à nação por parte dos envolvidos. Sim, tivemos copa, mas seu legado foi também uma bela e abrangente conscientização política.

Assim, o livro que agora resenhamos já nasceu sob a forma de uma verdadeira referência acadêmica. Gilmar Mascarenhas captou muito tempo antes das manifestações que tomaram as ruas do Brasil as mudanças que acometiam o mundo do esporte – em particular, do futebol – e suas implicações sobre a cidade, e por que não, sobre o mundo moderno. Para quem acompanha há algum tempo as pesquisas e reflexões de Gilmar Mascarenhas, há a certeza que com “Entradas e Bandeiras” ele liquida uma antiga dívida: a escrita de um livro que recuperasse as suas diversas análises teórico-metodológicas da “geografia do futebol”, subcampo no qual o autor é um dos nomes fundantes no cenário global.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Gilmar Mascarenhas dedicou toda sua carreira à geografia, sendo nesta área graduado, mestre e doutor, com tese dedicada justamente à “geografia do futebol”. Em sua trajetória, seus esforços sempre foram voltados especialmente à geografia urbana, com atenção especial aos processos de metropolização e constituição de redes de cidades e aos circuitos terciários da economia, nas esferas do esporte, lazer, comércio, turismo e serviços. Após o recente lançamento de “O jogo continua: megaeventos esportivos e cidade”, organizado em parceria com Fernanda Sanchez e Glauco Bienenstein<sup>5</sup>, Gilmar Mascarenhas volta a alimentar este inadiável debate sobre o papel do esporte no cotidiano da cidade, do país e, por que não, de todo o mundo.

Trata-se de uma obra definitiva, obrigatória, que percorre o século e meio que transformaram este esporte em marco civilizatório em grande parte do mundo – como, inclusive, assevera Juca Kfourri na contracapa do livro. O livro é uma leitura imprescindível para todos aqueles que querem discutir o futebol, tanto o praticado nos espaços públicos que ainda resistem em servir de campos improvisados quanto os espetáculos midiáticos com a presença de constelações muito bem remuneradas de jogadores famosos. “Entradas e bandeiras” é também um apelo à sociabilidade urbana de um passado não muito remoto, onde cada partida de

---

<sup>3</sup>Marx, 2000 [1852]

<sup>4</sup>Harvey, 1996

<sup>5</sup>Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011

futebol se tornava um rico e prazeroso exercício coletivo. Entre o informal futebol de “matriz bricolada” (o modelo criativo, improvisado e flexível praticado nas ruas) e o de “matriz espetacularizada”, (globalizado, rígido e congregador de investimentos) (p. 32-33), não há dúvidas: Mascarenhas opta pelo primeiro, que a despeito da origem aristocrática do próprio futebol traz consigo o signo do divertimento sincero das classes menos abastadas. A capa do livro, com uma bola simples em uma estrada de terra, só reforça a certeza de que o futebol, para além dos suntuosos estádios, é um jogo desprezioso, espacialmente democrático e sem grandes necessidades de sofisticação para sua prática.

Os prefácios – como numa partida de futebol, esta parte foi dividida em dois tempos – escritos pelos professores Roberto Lobato Corrêa, da UFRJ, e Odette Seabra, da USP, captaram muito bem o espírito da obra: uma aula de geografia! Importantíssimos na construção do pensamento do autor, estes professores descortinam para o leitor a viagem pela geografia que o livro empreenderá: Roberto Lobato Corrêa compreende a perspicácia de Gilmar Mascarenhas de enxergar geografia, com grande pioneirismo, na prática do futebol em suas diversas ações e objetos; Odette Seabra observa o quanto as relações propostas pelo autor entre o processo contemporâneo de metropolização e o substantivo domínio dos grandes times de futebol situados nestas áreas são fundamentais para o estudos atuais da geografia urbana brasileira e mundial.

Neste sentido, o léxico conceitual da geografia não é apenas um conjunto de palavras ali encaixadas para dar sentido às reflexões – algo tão comum e extremamente deletério em inúmeros trabalhos atuais –, mas justamente funciona como uma lente espacial a serviço da análise do autor em relação ao seu objeto. Gilmar Mascarenhas alicerça seu trabalho particularmente nas obras de Milton Santos, que oferece desde o cabedal a respeito da consolidação da rede urbana outrora fragmentária no Brasil até a complexidade contida no processo de metropolização, um movimento que é político, econômico, ideológico e cultural, e também busca apoio em trabalhos de geógrafos como John Bale e Christopher Gaffney, que voltaram seus olhares para a análise deste esporte.

Com base na geografia, é possível apontar alguns tensionamentos teóricos importantes contidos em “Entradas e Bandeiras”: [1] a conexão entre a expansão do futebol e o ainda preponderante imperialismo inglês, no início do século XX, e sua entrada pelos portos marítimos, como os existentes na Bacia do Prata ou da cidade do Rio de Janeiro; [2] a relação entre o operariado urbano e a prática esportiva, que disciplinava as mentes e os corpos para além do chão-da-fábrica (sempre pródigas em formar times); [3] o estádio de futebol como objeto geográfico de fundamental importância na constituição do urbano, ora servindo como referência higienista, moderna ou neoliberal e logrando uma valorização do entorno, ora significando transtorno pelas manifestações populares que não se encaixam com as áreas mais ricas; [4] a manifestação de diferentes territorialidades, dentro dos estádios e nas torcidas e também na constituição dos próprios times de bairro; por fim, [5] a “metropolização do futebol”, fenômeno que autor interpreta como responsável pelo gigantismo dos times das cidades economicamente mais importantes, que atualmente monopolizam a atenção da mídia e dos torcedores e conquistam os principais títulos nacionais e internacionais. As grandes metrópoles são as sedes dos grandes times do mundo, trazendo para a hierarquia urbana um vetor explicativo do atual sistema de castas existentes no mundo do futebol.

Bem, quem se apaixonou pelo futebol por intermédio do pai, algo comum no mundo deste esporte – é o caso, por exemplo, do autor desta resenha [tricolor como Nelson Rodrigues, presente na epígrafe] – é impossível não se emocionar, desde o início da obra, com as

palavras de Gilmar Mascarenhas, que vincula as origens de suas inquietações (ou paixões) à vivência com seu pai, que viu no amor crescente pelo futebol, que envolvia jogos suntuosos do Botafogo e as partidas descontraídas das ruas do subúrbio carioca, uma aproximação com o mundo estranho em que se inseriu na condição de imigrante nordestino. Uma narrativa emocionante como uma final de campeonato estadual dos velhos tempos!

Logo (e felizmente), não é possível “purificar” cientificamente sua pesquisa: ela é feita, desde a gênese, de paixão, de luta familiar, de laços de amizade. As referências à feira livre – outro objeto de pesquisa no campo da geografia que o autor permanece em débito com seus leitores ávidos por um livro sobre esta temática; os jogos presenciados em diferentes partes do mundo; as amarrações intelectuais com imperialismo, com a cultura ocidental, com a migração para a cidade-grande; as visitas a estádios pelos mais diversos continentes; tudo isto é analisado com a qualidade de quem atingiu a maturidade interpretativa de seu objeto de pesquisa e que sabe conjugar, com a mesma apurada técnica de um habilidoso “camisa 10”, uma escrita fluída, convidativa e erudita. Visitar um estádio para o autor, à revelia da centena de arenas que conheceu, é uma atividade que envolve sentimentos, cultura e saber. Como não se comover, por exemplo, com o relato do autor ao andar pelas ruínas de um pequeno estádio em Itaperuna, no Norte Fluminense?

A derrubada de um estádio em Itaperuna (RJ) talvez seja o exemplo mais profícuo da narrativa de Mascarenhas: ao caminhar pelas arquibancadas do estádio que veio ao chão para dar lugar a um empreendimento imobiliário privado, o autor enxerga – ao estilo do Heródoto na famosa capa da obra máxima de Yves Lacoste (1988 [1978]), que exulta o geógrafo como alguém com uma visão para além da paisagem visível! – o que os outros não veem. Sua emoção com a demolição do pequeno estádio extravasa as partidas entre os times locais; ele lamenta o fim de uma era de futebol próximo, de talento genuíno não-robótico do “jogador tático”, de técnicos menos professorais e viciados na arte da defesa, de busca pelo gol com entusiasmo e não como um acordo protocolar; Mascarenhas lamenta também o fim de um futebol próximo ao cotidiano da cidade, em que os astros eram pessoas de carne e osso, e não modelos profissionalizados que recebem patrocínio até pela roupa íntima (?) que vestem.

O sentimento, transmitido em emocionadas linhas, é pelo fato de que no humilde estádio itaperunense as pessoas viviam o futebol sem precisar dedilhar, em posição nada esportiva [curvados à frente], o “tablet” ou o “i-smart-phone” para saberem das novidades, ou ter igual entusiasmo em relação ao certame em si e às contratações da próxima temporada. As ruínas do estádio Monte Líbano, do Unidos Futebol Clube, simbolizavam em sua visita o fim de uma era urbana, de uma cidade do encontro, das festividades, da sociabilidade, da vizinhança, das paixões não-virtuais. Para alguém que viveu a feira-livre e o constante contato entre as pessoas, os alimentos e a urbe, e não se furta a assistir um futebol descompromissado em campinhos pelo mundo, com seus característicos gritos audíveis aos artistas da bola e cuja plateia não tem compromisso de sorrir para a câmera da televisão, é muito doloroso assistir o crepúsculo da cidade enquanto construção social e resultado de relações múltiplas de sentimentos, histórias e lutas. A morte do “futebol de rua” é um sintoma muito bem captado por Gilmar Mascarenhas da condenação da própria “rua”, hoje estigmatizada pelo medo da violência, pelo asco ao trânsito interminável e pela velocidade dos cumprimentos de seus habitantes desinteressados pelo mundo próximo que o cerca.

Em um primeiro momento, “Entradas e Bandeiras” é um livro imprescindível para todo aquele que tem em comum as paixões manifestadas pelo autor: “Futebol” e “Geografia”. Presente nas dedicatórias, introdução, conclusão e em cada página do texto, a paixão pelo

futebol é premente, seja como torcedor do Botafogo Futebol e Regatas, seja como entusiasta tudo o que envolve a atmosfera futebolística: times, estádios, jogadores ou qualquer disputa de várzea. Neste sentido, a geografia é reflexão, é método, é prática: a “geografia do futebol” é difusa pelos mais diversos subcampos da disciplina – geografia urbana, política, econômica, cultural etc. – e multiescalar – dos campinhos de areia de pequenas cidades às arenas metropolitanas. Mas, ao final da leitura, não há dúvidas: através do futebol e da geografia, “Entradas e Bandeiras” é uma aula erudita dos desdobramentos históricos do mundo a partir dos últimos cento e cinquenta anos de existência oficial deste esporte, e, por este motivo, interessa a todo aquele que aprecie avaliar as pequenas conexões explicativas acerca da realidade que vivemos.

## **Bibliografia**

HARVEY, David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. *Espaço & Debates*, v. 16, n. 39, p. 48-64, 1996.

LACOSTE, Yves. *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988 [1976].

MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2000 [1852].

MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SANCHEZ, Fernanda. (Orgs.). *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ / FAPERJ, 2012.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. Um novo despertar da luta política (ou sobre os desafios da Democracia Brasileira). *Continentes: Revista de Geografia do Departamento de Geociências da UFRRJ*, v. 2, p. 133-141, 2013.

RODRIGUES, Nelson. “O divino delinquente”. In: *À sombra das chuteiras imortais: Crônicas de futebol*. [Seleção e notas: Ruy Castro]. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

© Copyright Leandro Días de Oliveira, 2015

© Copyright *Biblio3W*, 2015.

Ficha bibliográfica:

OLIVEIRA, Leandro Días de. Por uma geografia do futebol. Lições de política, economia, cidade e cultura. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 25 abril 2015, Vol. XX, nº 1118. [ISSN 1138-9796].<<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1118.pdf>>.